

O AGRONEGÓCIO GLOBALIZADO NO SUDESTE MATO-GROSSENSE: O CASO DE PRIMAVERA DO LESTE.

RESUMO

O objetivo do trabalho é apresentar dados sobre a produção agrícola do município de Primavera do Leste e sobre sua formação socioespacial, situando-o em relação a outros municípios do estado de Mato Grosso, bem como analisando brevemente seus vínculos com o agronegócio globalizado, representado por grandes corporações transnacionais instaladas em seu território. A pesquisa fundamenta-se na análise de dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia (IBGE), de trabalhos acadêmicos e de publicações das empresas pesquisadas. Concluiu-se que, a despeito dos elevados valores da produção municipal de grãos, estes são inferiores aos de outras regiões do Mato Grosso. Além disso, há fortes indícios de que os maiores beneficiários da riqueza ali produzida sejam as corporações estrangeiras.

Palavras-chave: agronegócio; globalização; Primavera do Leste; Mato Grosso.

GLOBALIZED AGRIBUSINESS IN SOUTHEAST MATO GROSSO: THE CASE OF PRIMAVERA DO LESTE

ABSTRACT

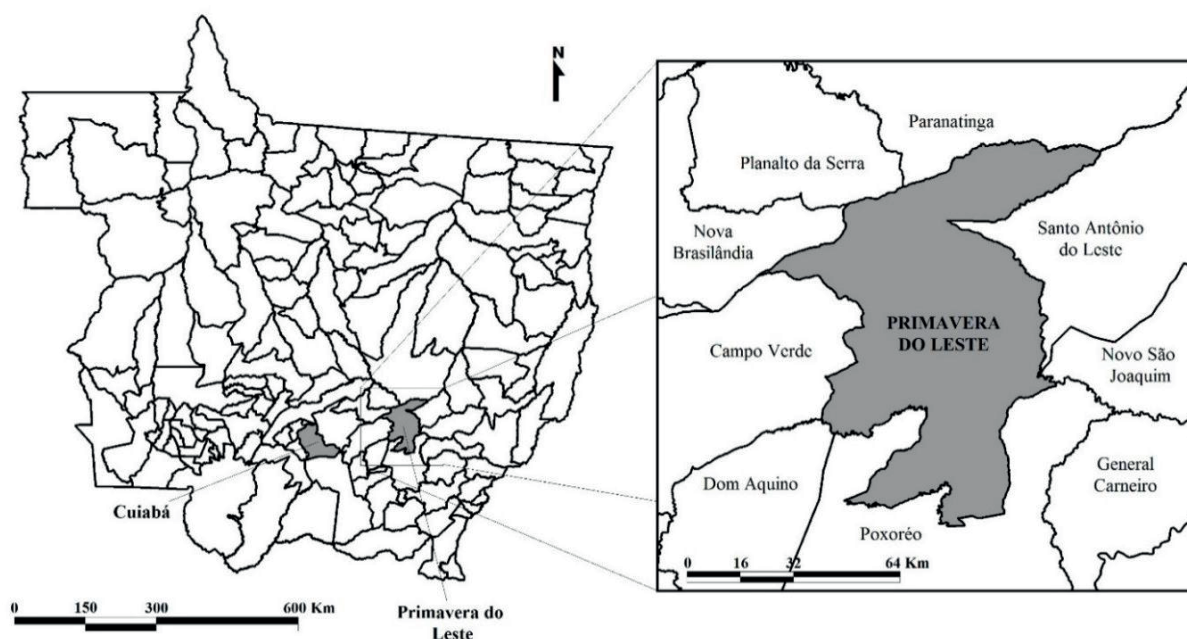
The objective of this study is to present data on the agricultural production in the city of Primavera do Leste and its socio-spatial development, comparing it to other cities in the state of Mato Grosso. We also briefly analyze its connections to the globalized agribusiness, represented by large transnational corporations established in this region. This research is based on the analysis of data provided by the Brazilian Institute of Geography (IBGE, acronym in Portuguese), including academic studies and publications from the companies studied. We conclude that, despite the increased volumes in municipal grain production, they are inferior to that of other regions in Mato Grosso. Moreover, there are strong indications that the greatest beneficiaries of the wealth produced there are the foreign corporations.

Keywords: agribusiness, globalization; Primavera do Leste; Mato Grosso.

1 INTRODUÇÃO

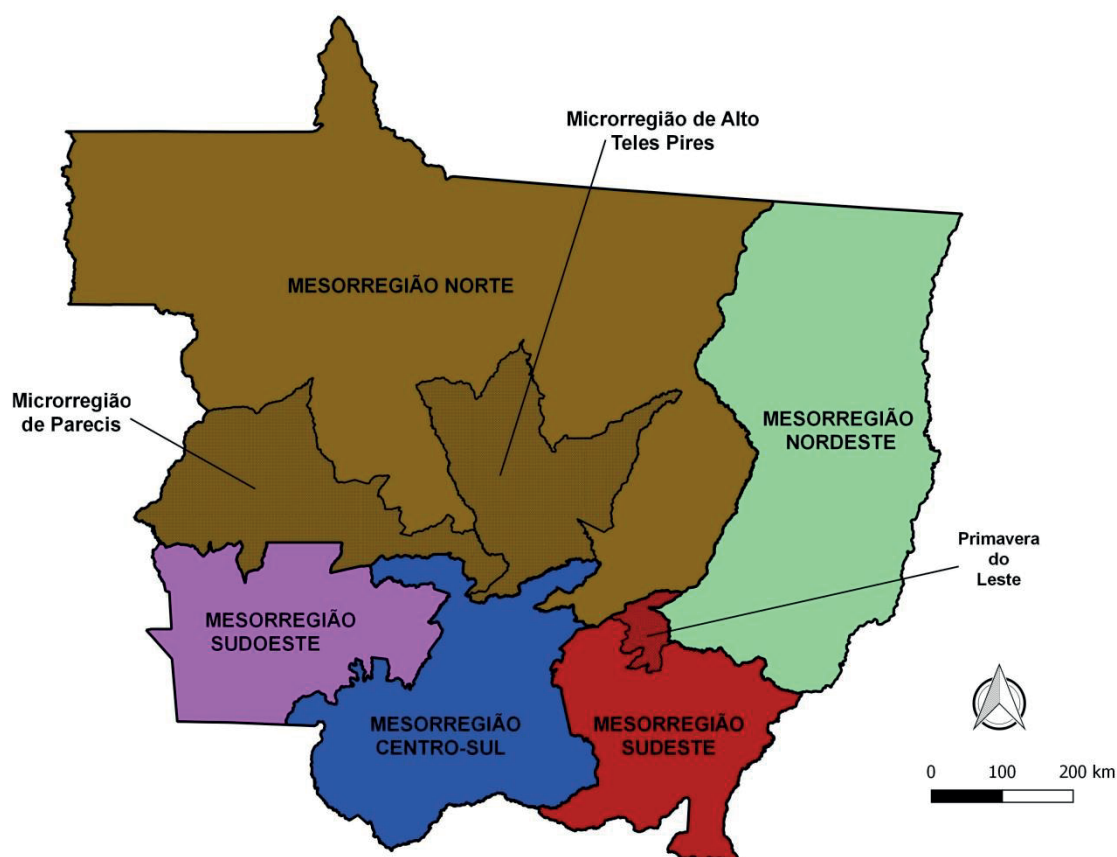
Localizado 240 quilômetros a leste da capital Cuiabá (**mapa 1**), o município de Primavera do Leste está inserido no que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) denomina de mesorregião sudeste mato-grossense (formado pelos municípios de Alto Araguaia, Alto Garças, Alto Taquari, Araguainha, Campo Verde, Dom Aquino, General Carneiro, Guiratinga, Itiquira, Jaciara, Juscimeira, Pedra Preta, Pontal do Araguaia, Ponte Branca, Poxoréu, Primavera do Leste, Ribeirãozinho, Rondonópolis, São José do Povo, São Pedro da Cipa, Tesouro e Torixoréu) (**mapa 2**).

Mapa 1. MUNICÍPIO DE PRIMAVERA DO LESTE: Localização no território do estado de Mato Grosso, 2010.



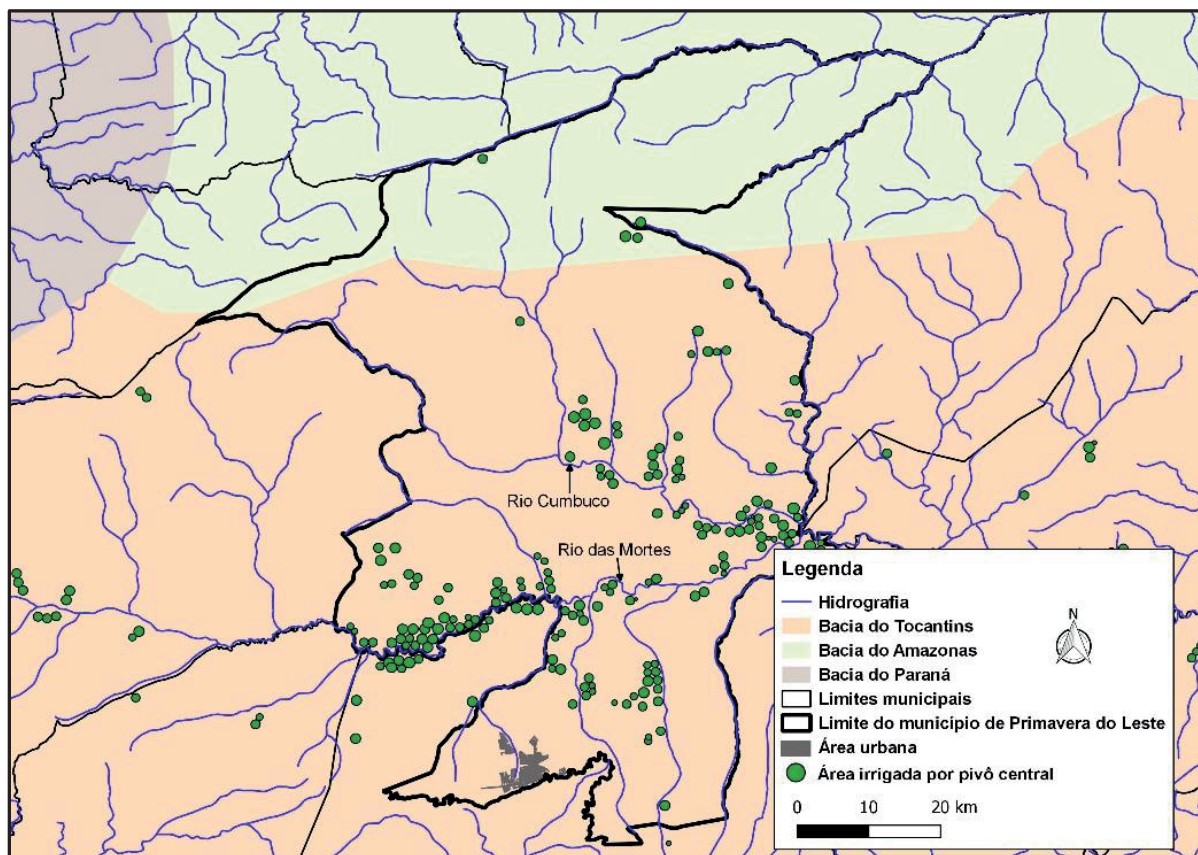
Fonte: IBGE, 2010. Elaboração cartográfica dos autores.

Mapa 2. ESTADO DE MATO GROSSO: Mesorregiões, microrregiões de Parecis e de Alto Teles Pires, e localização do município de Primavera do Leste, 2010.



Fonte: IBGE, 2010. Elaboração cartográfica dos autores.

Grande parte de sua economia é dinamizada pelo agronegócio: atividades que abrangem a produção, beneficiamento, armazenamento e comercialização de *commodities* (como soja e algodão). O município tem 439.824 hectares de área plantada ou destinada à colheita: 439.740 destinados a lavouras temporárias e 84 a lavouras permanentes (IBGE, 2014) e apresenta a maior concentração de pivôs centrais de Mato Grosso, responsáveis por irrigar uma área de 15 mil hectares (PIRAS, 2007). São aproximadamente 90 produtores rurais com o sistema mecanizado de pivô central, com 238 equipamentos espalhados em 31 mil hectares na região de Primavera do Leste (Jornal O Diário, maio 2016, p. 25). No **mapa 3**, é possível notar uma grande concentração de pivôs centrais no município, sobretudo nos cursos do Rio Cumbuco e do Rio das Mortes. Além disso, o município também apresenta a maior concentração de aviões agrícolas do estado, com 120 aviões utilizados, sobretudo pelas empresas de pulverização. Conta ainda com o maior número de empresas prestadoras de serviços de aviões agrícolas (PINOTTI, 2016).

Mapa 3. PRIMAVERA DO LESTE: localização dos pivôs centrais e hidrografia.

Fonte: Agência Nacional de Águas, 2010; Embrapa, 2015. Elaboração dos autores.

Essas cifras e o papel de Primavera do Leste no agronegócio no sudeste mato-grossense podem ser, ao menos parcialmente, compreendidas se elucidarmos a constituição da cidade como fronteira agrícola a partir da década de 1970 e com um debate sobre a produção atual realizada na região.

2 A CONSTITUIÇÃO DA FRONTEIRA MATO-GROSSENSE: O INÍCIO DA PRODUÇÃO DE SOJA

As transformações no espaço mato-grossense e o início da produção, sobretudo de soja, são desveladas por meio de um processo iniciado nos Estados Unidos da América após a Segunda Guerra Mundial e conhecido como Revolução Verde. Nele, buscava-se, no discurso, ampliar a produção de alimentos por meio de técnicas agrícolas. A partir de então, introduziu-se a venda associada de sementes e defensivos agrícolas, por meio de “pacotes tecnológicos”, que substituíam as técnicas existentes no campo, consideradas obsoletas. No Brasil, a introdução de novas técnicas agrícolas e variedades de sementes contou com grande ingerência de instituições públicas e privadas.

Considerando que práticas de correção de solo e adoção de sementes de soja adaptadas foram fundamentais ao avanço da chamada fronteira agrícola, Bernardes (2007) defende que passa a existir uma fronteira não apenas do capital, mas também uma fronteira da ciência e

da tecnologia. Não bastava apenas a abertura de rodovias e concessão de incentivos fiscais, somados a condições naturais favoráveis – como distribuição regular das chuvas e áreas de topografia plana –, era preciso que houvesse mecanismos para produzir soja em larga escala no cerrado brasileiro. Nesse contexto, as condições naturais do Centro-Oeste seriam, para Bernardes (2007b), vantagens competitivas em relação ao mercado internacional, na medida em que a ciência e a tecnologia já tinham desenvolvido sementes melhor adaptadas ao cerrado.

A associação entre correção do solo e plantio de determinados tipos de sementes, a chegada de novos migrantes, assim como as transformações nas bases técnicas da produção leva alguns autores a denominar as mudanças implantadas no campo brasileiro neste período após a década de 1970 de “modernização conservadora”. Essa modernização seria “conservadora” na medida em que a mecanização do campo e a ampliação da produtividade ocorreram sem a transformação na estrutura fundiária, mesmo que tenham resultado em aumento da produtividade no campo.

Partindo da abordagem de Silva (2010), consideramos que houve três momentos da expansão da fronteira agrícola em Primavera e no sudeste mato-grossense: em meados dos anos 1970, com a chegada dos primeiros migrantes do sul e sudeste do Brasil, que passaram a implantar plantações de soja e de arroz; a partir dos anos 1980, com a agroindustrialização da soja; e, por fim, a partir dos anos 1990, com a implantação de grandes grupos empresariais.

A expansão da acumulação do capital nesses três momentos apenas foi possível devido ao papel do Estado, seja no início da ocupação favorecendo a chegada dos chamados pioneiros na década de 1970 por meio de programas federais de ocupação Amazônia Legal, seja facilitando atualmente a ação dos grandes grupos empresariais via incentivos fiscais.

As políticas de ocupação e de expansão da fronteira, assim como os projetos de colonização, contribuíram para o avanço do cultivo de soja não apenas na mesorregião sudeste, mas também na microrregião de Parecis (envolvendo municípios como Sapezal, Campos de Júlio, Campo Novo do Parecis e Diamantino) e na microrregião de Alto Teles Pires (ao longo da BR-163 e envolvendo os municípios de Sorriso, Lucas do Rio Verde e Nova Mutum). “Estas duas microrregiões passaram a responder pela metade da superfície colhida no estado, que, se somada aos valores da mesorregião Sudeste, alcançavam 85% da área em 1989 (IBGE, 2014). Na década de 1980 o Mato Grosso se tornou o terceiro maior estado produtor de soja, atrás do Paraná e do Rio Grande do Sul e à frente de Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo e Minas Gerais” (WEZS JÚNIOR, 2014, p. 111)¹.

Piras (2007) afirma que Mato Grosso apresentou uma rápida expansão da soja em um curto espaço de tempo, tornando-se o maior produtor do grão no Brasil a partir da década de 1990. Como fatores, cita a topografia plana de planaltos e chapadões – que favorecem o uso de tratores e colheitadeiras –, o solo que com acidez corrigida alcança grande produtividade e as facilidades de obtenção do crédito pelos grandes produtores. Segundo Bernardes (2007b), entre 1995 e 2005 a produção de soja em Mato Grosso cresceu 223%, correspondendo a um aumento de 161% em área cultivada.

3 OS NÚMEROS DO “AGRO”: PRIMAVERA DO LESTE EM RELAÇÃO A MATO GROSSO

Localizado no estado brasileiro com o maior percentual (22%) do Produto Interno Bruto (PIB) proveniente da agropecuária (2011), Primavera do Leste foi em 2012 o sexto colocado

¹ A localização das duas microrregiões é apresentada no mapa 2.

no ranking dos cem maiores PIBs agropecuários do Brasil, com o valor adicionado bruto pela agropecuária de 789,67 milhões de reais.² Essa soma incorporada pela agropecuária correspondeu a 27,50% do PIB municipal no mesmo período. O PIB total de Primavera do Leste foi o quinto maior do estado em 2011, alcançando, segundo o IBGE, 2,6 bilhões de reais. Neste indicador, o município foi superado por Cuiabá, Rondonópolis, Várzea Grande e Sorriso. O PIB *per capita* em 2009 foi de 41.966 reais³, enquanto que em 2012 saltou para 53.196,04 reais⁴.

Em 2015, no município de Primavera do Leste foram cultivados 271.502 hectares de soja, 108.601, 20.542 de algodão, 31.620 de feijão e 400 de arroz. No mesmo ano, contava com 39.686 cabeças de gado e 4.299.426 aves. Os dados são do Sindicato Rural de Primavera do Leste⁵. A comparação com dados publicados pelo IBGE referentes ao ano de 2014 revela ter havido um avanço na área cultivada de soja de um ano para o outro: eram 251.500 hectares destinados à soja, 115.000 ao milho e 339.700 ao algodão⁶. Em relação aos dados do ano 2000, o crescimento se mostra ainda mais significativo: eram 159.500 hectares de soja, 12.000 de algodão, 3.500 e 30.000 de milho (1ª safra e 2ª safra - safrinha), 36.000 de arroz. Nesse mesmo ano, foram contabilizados 100 mil aves e o mesmo número de bovinos (PMPL, 2000).

Nota-se, por meio desses dados, uma redução da área ocupada por outras culturas, assim como a redução dos rebanhos, em detrimento do plantio de soja. Vale ressaltar que, embora a área de cultivo de soja tenha aumentado, Primavera do Leste ainda está atrás de municípios como Sorriso, com 635.000 hectares, ou Campo Novo dos Parecis, com 388.000 hectares destinados ao cultivo de soja em 2014. Por sua vez, a produção de soja de Primavera do Leste (783.680 toneladas) ocupava a oitava posição em 2014. Era menor do que as de Sorriso (1.981.800), Nova Mutum (1.209.330), Sapezal (1.196.244), Campo Novo do Parecis (1.194.288), Nova Ubiratã (1.018.890), Querência (970.536) e Diamantino (958.584) (IBGE, 2016). A partir da análise desses dados e do **mapa 4**, conclui-se Primavera do Leste hoje se destaca na produção de soja no sudeste de Mato Grosso, mas não chega a alcançar a produção dos municípios citados, localizados no eixo da BR-163 (microrregiões de Alto Teles Pires e de Parecis, principalmente).

Conforme dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior veiculados pela Prefeitura Municipal de Primavera do Leste (2015), Primavera do Leste foi o quarto município do estado em volume de vendas ao exterior (seguindo Rondonópolis, Sorriso e Cuiabá) durante os três primeiros meses de 2015. A soja (grão inteiro ou triturada) correspondeu a 46% dos insumos industriais exportados pelo município, sucedida pela exportação dos resíduos da própria soja (utilizados para ração animal, biomassa ou adubo), com 29%, e pelo milho, com 16%. Os Estados Unidos são o principal destino das mercadorias, comprando 43% da produção, seguidos pela China com 39% e pela Itália (16%).

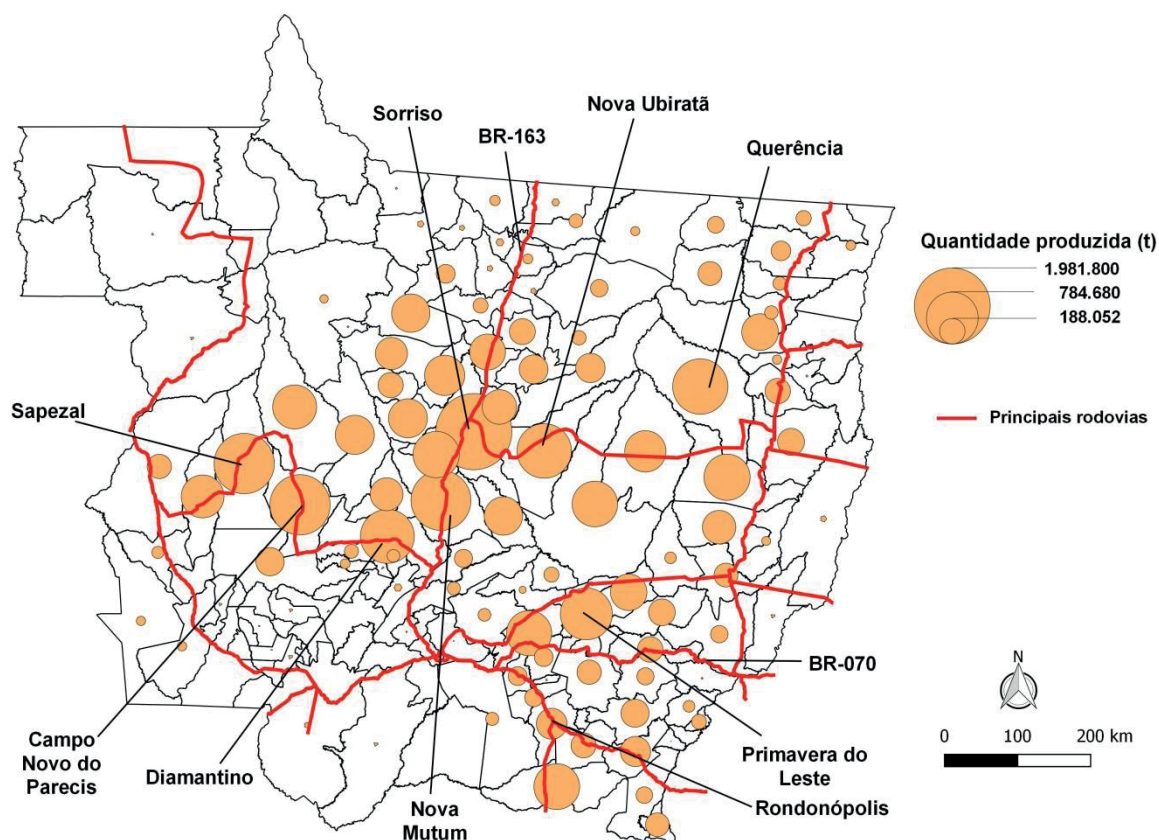
2 Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pibmunicipios/2012/default_pdf.shtm>. Acesso em out. 2017.

3 *Indicadores das Desigualdades Socioeconômicas de Mato Grosso*, 2012. Disponível em <<http://portal.cnm.org.br/sites/6700/6745/IndicadoresdasDesigualdadesSocioeconomicasdeMatoGrosso.pdf>>. Acesso em out. 2017.

4 Disponível em <<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=510704&idtema=16&search=||s%EDntese-das-informa%E7%F5es>> e <http://servicodados.ibge.gov.br/Download/Download.ashx?u=xftp.ibge.gov.br/Pib_Municipios/2011/base/base_2006_2011_xls.zip>. Acesso em out. 2017.

5 Os dados divulgados no ano de 2016 em folheto da *Farm Show*, uma grande feira do agronegócio realizada na cidade desde 2015.

6 Dados disponíveis em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pam/2014/>>. Acesso em out. 2017.

Mapa 4. MATO GROSSO: produção de soja por município, 2014.

Fonte: IBGE, Pesquisa Agrícola Mensal, 2014. Elaboração Cartográfica dos autores.

4 A MESORREGIÃO SUDESTE EM DESTAQUE

Embora a produção de soja em Primavera não seja tão expressiva quanto a de municípios situados ao longo da BR-163, a mesorregião sudeste apresentou, como afirma Silva (2010), uma importância significativa em relação ao total produzido pelo estado. Em 1980, de acordo com o autor, baseado em dados do Censo Agropecuário, enquanto a área da soja no cerrado mato-grossense abrangia 120.089 hectares, produzia 224.921 toneladas e tinha uma produtividade de 1.873 kg/ha, o sudeste já ocupava 87.228 hectares (mais de 70% da área da soja no estado), produzia 169.581 toneladas e apresentava uma produtividade de 1.944 kg/ha. Já em 1985, observamos um aumento significativo na área colhida: quase 800.000ha para o conjunto do estado e quase 400.000ha para o sudeste mato-grossense. Neste ano, o estado produziu pouco mais de 1.600.000 de toneladas, enquanto o sudeste produziu aproximadamente 860.000 toneladas. A produtividade do estado e da mesorregião foram, respectivamente, 2.082 Kg/ha e 2.177 Kg/ha. Em 1991, a área de cultivo da soja no estado chegou a quase 1.200.000ha e a produção a quase 3 milhões de toneladas produzidas. A produtividade estadual cresceu e alcançou 2.351 kg/ha. Já no sudeste, a área cultivada, a quantidade produzida e a produtividade equivaliam, segundo Wezs Júnior (2014), a 550.370ha, 1.339.871 toneladas e 2.434 Kg/ha. Atualmente, o sudeste de Mato Grosso detém 63% da capacidade de esmagamento de soja do estado (WEZS, 2014, p. 126). Segundo o autor, a respeito do destaque alcançado pela mesorregião:

(...) foi nesta região que teve início o processo de ocupação do cerrado e de modernização das atividades agrícolas no estado, por ela se localizar na fronteira com

Goiás e Mato Grosso do Sul, que já dispunham de sementes mais adaptadas para estas condições edafoclimáticas e de calcário para neutralizar o alumínio e a acidez dos solos, além de uma infraestrutura básica (estrada, armazéns, etc.). Atualmente é uma das principais regiões produtoras de soja de Mato Grosso e aquela que detém mais empresas vinculadas ao setor no estado – possui o maior número de indústrias de fertilizantes e de sementeiras e concentra grande parte da capacidade de esmagamento de soja (WEZS JÚNIOR, 2014, p. 136).

Para Piras (2007), o sudeste mato-grossense se consolidou como uma importante área produtora de grãos e carne para o processamento agroindustrial e para exportação. Cabe destacar nesta região o papel desempenhado por Rondonópolis, onde se concentram indústrias de processamento de grãos, fábricas de ração, abate e industrialização de carnes de bovinos, suínos e aves. De Rondonópolis e Cuiabá saem os grãos beneficiados (de Primavera do Leste e demais municípios) para os portos de Santos (SP) e Paranaguá (PR), de lá seguindo para centros consumidores estadunidenses, europeus e asiáticos.

5 A EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO GLOBALIZADO

A partir da década de 1990, com a introdução de fatores ligados à financeirização e às inovações tecnológicas e organizacionais, segundo abordagem de Silva (2010), novas relações econômicas e políticas brasileiras passam a se articular aos interesses capitalistas globais – processo que alterou as formas de ocupação do território brasileiro, incluindo o estado de Mato Grosso. Grandes grupos transnacionais se instalam em cidades como Primavera do Leste, Soriso e Sinop.

O “agronegócio globalizado”, nas palavras de Elias e Pequeno (2007), tem profundas implicações na urbanização das cidades do agronegócio e são responsáveis por processos que ultrapassam as escalas do lugar. Ao mesmo tempo em que a soja produzida em Primavera alcança o mercado mundial, para a cidade também se direcionam investimentos de transnacionais – havendo um contínuo fluxo seja de mercadorias seja de capitais. Tecendo alianças estratégicas com o Estado – neste caso, sobretudo em seu âmbito estadual ou municipal – essas empresas do agronegócio também passam a implantar nesses e em outros lugares infraestruturas para armazenar, processar e distribuir a produção, laboratórios de pesquisa, empresas de *marketing*, serviços financeiros e especializados na otimização da produção agrícola.

Retomando os momentos de expansão da soja em Mato Grosso na perspectiva de Silva (2010) – a chegada dos migrantes na década de 1970, a agroindustrialização da soja a partir de 1980 e a articulação com os conglomerados a partir de 1990 –, afirmamos que é somente a partir deste último momento que o ritmo do lugar passa a ser comandado pelo ritmo da produção das *commodities*, que, por sua vez, também é determinado pelo mercado financeiro.

As grandes empresas transnacionais do setor de grãos, geralmente, não têm interesse em comprar terras e imobilizar capital. Elas fornecem agrotóxicos e sementes aos proprietários ou arrendatários em troca de sacas de grãos, tendo o controle, sobretudo, da circulação do produto. Passam a ser responsáveis pelo crédito concedido ao produtor, ao mesmo tempo em que fornecem insumos agrícolas e fertilizantes. Essas empresas também tendem a controlar as etapas de armazenamento, beneficiamento e distribuição. A produção de grãos – no caso de Primavera do Leste, principalmente de soja – apenas é viável para empresários com capital para investir e para donos de grandes propriedades.

Os empresários rurais, para assegurar a reprodução do capital e manter os índices de rendimento da produção, são obrigados a investir em pesquisa, em maquinários e insumos agríco-

las, em fertilizantes, no manejo de sementes e em técnicas de armazenamento, beneficiamento e distribuição mais eficientes. Para isso, necessitam de acesso ao crédito. Como destaca Piras (2007, p. 75):

Toda a tecnologia de ponta utilizada no cultivo no cerrado faz com que os custos e investimentos sejam elevados. O custo do plantio da soja por hectare varia entre 350 e 400 dólares e em 2006 estava sendo vendida por aproximadamente 10 dólares a saca contendo 60 quilos, sendo que a produção total da soja por hectare varia entre 45 e 55 sacas. Já o algodão tem seu custo de plantio mais alto variando entre 1000 e 1200 dólares e estava sendo vendido por 25 dólares, em 2006, a arroba-pluma. No Centro-Oeste a plantação da soja só é viável em propriedades maiores de 400 hectares, enquanto no Sul do país é possível obter lucro em propriedades com aproximadamente 22 hectares.

Nessa articulação entre escalas, empresários e poder público procuram mostrar a cidade como rentável a novas fontes de investimentos. Para isso, empregam diversas estratégias, como incentivos fiscais e eventos que procuram promover o agronegócio – tais como as denominadas feiras do agronegócio, das quais a *Farmshow* e a *Expopríma* são exemplos. Atualmente, em Primavera do Leste estão instaladas filiais das maiores empresas de processamento e comercialização de grãos (ADM, Bunge, Cargill, Louis Dreyfus), as quais compõem o grupo também conhecido por meio do acrônimo *ABCD*.

6 ADM

A Archer Daniels Midland (ADM) é de origem estadunidense e atua no Brasil desde 1997. Hoje, é uma das maiores processadoras de soja e cacau do país. As fábricas da empresa processam cerca de 4 milhões de toneladas de soja por ano, gerando produtos como óleos vegetais, ração animal e biodiesel. A *trading* conta com fábricas para processamento, refino e envase de óleo em Rondonópolis (MT), Campo Grande (MS), Joaçaba (SC) e Uberlândia (MG). A empresa também é responsável por fábricas de fertilizantes nas cidades de Catalão (GO), Paranaguá (PR), Uberaba (MG), Rondonópolis (MT) e Rio Grande (RS)⁷. Em Primavera do Leste, há silos para armazenagem da produção local, que é encaminhada para processamento em Rondonópolis. A sede da ADM localiza-se em Chicago, EUA.

7 BUNGE Y BORN

Segundo Piras (2007, p. 69), há uma unidade da Bunge y Born em Primavera do Leste ligada ao ramo de transportes e de alimentos. De origem estadunidense, o conglomerado envolve várias outras empresas nos ramos de alimentação, química e agronegócio. Uma das regionais está localizada em Primavera do Leste, dando suporte aos municípios de Rondonópolis, Nova Xavantina, Alô Brasil, Campo Verde, Canarana, Paranatinga, Porto Alegre do Norte, Querência, Santa Cruz do Xingu, Santana do Araguaia, Santiago do Norte e São Félix do Araguaia. A regional Primavera responde a Cuiabá, que, por sua vez, submete-se às decisões da filial em Gaspar (Santa Catarina), a qual responde aos comandos da sede mundial em Nova Iorque.

7 Segundo site da empresa. Disponível em < <http://www.adm.com/pt-BR/worldwide/brazil/Paginas/Products.aspx>>. Acesso em out. de 2017.

8 CARGILL

A unidade da Cargill de Primavera do Leste, instalada no município em 2009, “segue uma hierarquia respondendo a Campo Grande que, por sua vez, responde a São Paulo, chegando finalmente ao escritório principal da corporação que se encontra em Minneapolis - Estados Unidos” (PIRAS, 2007, p. 65). A unidade de Primavera do Leste é dividida em dois complexos: um de esmagamento para produção de farelo de soja e o outro para refino e envase de óleo da marca Liza. A fabricação do óleo abastece as regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste do Brasil. Por dia, são moídas 3 mil toneladas de soja e geradas aproximadamente 2.340 toneladas de farelo, das quais 60% é destinado ao mercado externo (Revista Cargill, 2009). As demais unidades da empresa ligadas a grãos e a processamento de soja estão em Mairinque (SP), Uberlândia (MG), Ponta Grossa (PR), Três Lagoas (MS), Barreiras (BA), Rio Verde (GO)⁸.

9 LOUIS DREYFUS COMMODITIES

Com sede em Amsterdam, a empresa foi fundada em 1851 com a comercialização de grãos da França para a Suíça. Hoje, é um dos principais conglomerados do agronegócio mundial, atuando fortemente nos setores de grãos e algodão, além de outros como arroz, suco de laranja e biodiesel. São 75 unidades da empresa em 53 países. Tem negócios no Brasil desde 1942, com 60 unidades industriais, logísticas e comerciais em 10 estados. Nas unidades brasileiras, destacam-se a de Luís Eduardo Magalhães (BA) no setor do algodão, Nova Mutum (MT) no ramo de fertilizantes e insumos, Alto Araguaia (MT), Itumbiara (GO), Rondonópolis (MT), Rio Verde (GO) e Jataí (GO) em grãos e oleaginosas⁹. O escritório da Louis Dreyfus no Brasil localiza-se na cidade de São Paulo, onde está centralizada a maior parte das decisões vinculadas ao agronegócio globalizado (sobretudo aqueles envolvendo o grupo ABCD).

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio desta investigação a respeito de algumas empresas instaladas em Primavera do Leste, fica claro o movimento de centralização-desconcentração-concentração de capitais. Grandes conglomerados – cujos capitais são centralizados em cidades estadunidenses – passam a realizar investimentos e a implementar, em cidades do Mato Grosso, infraestruturas ligadas ao beneficiamento e ao escoamento da produção. Ter uma grande empresa na cidade permite que os proprietários e empresários rurais do município vendam a produção agrícola mais facilmente ou tracem estratégias econômicas vinculadas ao agronegócio.

Para manter ou atrair esses conglomerados na cidade, o poder público local passa a direcionar recursos de modo a permitir e dar continuidade à reprodução do capital. Tal processo ocorre, por exemplo, por meio de incentivos fiscais, organização do fluxo viário e mudanças no zoneamento urbano. Nesse sentido, estratégias ligadas às escalas mundiais passam a determinar, de modo imbricado, relações tanto do agrário quanto do urbano.

8 Segundo site da empresa. Disponível em < <http://www.cargill.com.br/pt/>>. Acesso em out. de 2017.

9 De acordo com informações do site da empresa. Disponível em < <http://www.ldcom.com.br/pr/>>. Acesso em out. 2017.

11 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDES, J. A. “Modernização agrícola e trabalho no cerrado brasileiro”. IX **Colóquio Internacional da Geocrítica**, 2007. Disponível em < <http://www.ub.edu/geocrit/9porto/juliaad.htm>>. Acesso em 19 abr. 2016.

_____. “Agricultura moderna e novos espaços urbanos no cerrado brasileiro”. **Revista Tamoios**. Rio de Janeiro, ano 3, n. 1, Jan./jun. 2007b.

ELIAS, D.; PEQUENO, R. Desigualdades socioespaciais nas cidades do agronegócio. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**. Recife, 2007. v. 9, n. 1, pp. 25-39.

PINOTTI, D. **Primavera concentra a maior frota de aviação agrícola do país**. 17 de abr. de 2016. Disponível em <<http://www.jornalodiario.com.br/blogs/blog-primavera-30-anos/pva-30-anos/primavera-concentra-a-maior-frota-de-aviacao-agricola-do-pais/75893>>. Acesso em 18 abr. 2016.

PIRAS, D. S. **A territorialização da agricultura moderna em Primavera do Leste**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007.

PREFEITURA MUNICIPAL de Primavera do Leste. **Município de Primavera do Leste – MT: Sexta economia do Estado de Mato Grosso**. 2000. Disponível em <<http://camarapva.com.br/publicacoes>>. Acesso em set. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PRIMAVERA DO LESTE. **PRIMAVERA do Leste: onde a gente cresce**. Material de divulgação – Prefeitura Municipal: 2015.

IBGE. **Produção Agrícola Municipal de 2014**. Disponível em: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pam/2014/default.shtm>>. Acesso em jun. 2016.

O DIÁRIO, Revista – Edição 30 anos, Primavera do Leste, MT. Maio de 2016. Primavera do Leste, maior área irrigada de Mato Grosso. pp. 24-25.

Revista Cargill. Ano 29, setembro de 2009. Disponível em < http://www.cargill.com.br/wcm/groups/public/@csf/@brazil/documents/document/cargill_brasil_revista_jul2009.pdf>. Acesso em 18 abr. 2016.

SILVA, E. da. **Território, cidade e rede: o papel de Rondonópolis na expansão da soja no cerrado mato-grossense**. São Paulo, 2010. Tese em Geografia Humana - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo.

WEZS JUNIOR, V. J. **O mercado da soja e as relações de troca entre produtores rurais e empresas no sudeste de Mato Grosso (Brasil)**. Tese (doutorado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências Humanas e Sociais. 2014. 220 f.